

TRABALHO DE ARTESANATO INDÍGENA GUAJAJARA: repertório de resistências e transformações no contexto urbano de Imperatriz-MA¹

Jesus Marmanillo Pereira

UFMA, BRASIL

Clayton Marinho dos Santos

UFMA, BRASIL

RESUMO: O presente texto visa analisar os modos como os indígenas Tenetehára/Guajajara, que ocupam uma área do Parque Amazonas na periferia da cidade de Imperatriz-MA, em relação a prática de produção de artesanato. De modo mais específico, explicar como as diferenças contextuais urbanas possibilitam determinados tipos de habilidades (INGOLD, 2015), ritmos e estéticas (GOURHAN, 2002) que se acomodam em um contexto sócio-ecológico-territorial (MURA, 2006). Para tanto, nos valem de uma proposta metodológica de cunho etnográfico através de registros fotográficos e relatos de interlocutores, observando como a aquisição de objetos, o emprego das técnicas de uso e produção de artesanato por aquele grupo podem ser vistas como ações políticas, e por consequência atos transformadores que permitem uma mudança na dinâmica dos relacionamentos nesta *fronteira interétnica* (BARTH, 2011).

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia da técnica. Indígenas na cidade. Artesanato.

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022

INTRODUÇÃO

No Brasil, a população indígena no território nacional soma 896,9 mil pessoas, sendo que de acordo com o Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 36,2% são indígenas urbanizados, ou seja, residem na área urbana. A maior parcela de indígenas residentes fora das Terras Indígenas (TI), em números absolutos, corresponde à Região Nordeste, que concentra cerca de 126 mil indivíduos.

Em Imperatriz, situada no sudoeste do Maranhão, existem 501 indígenas, dentre os quais 487 na área urbana (IBGE, 2010) distribuídos por diversos povos, como Gavião, Krikati, Canela, Guajajara, dentre outros. Para Pereira (2018 p.255), esses importantes atores sociais são praticamente invisíveis nas narrativas sobre o processo de formação da cidade de Imperatriz, que têm priorizado a história dos grandes ciclos econômicos e do desenvolvimento que emergiu a partir da construção da rodovia BR-010, conhecida como Belém-Brasília, invisibilizando ou esquecendo a participação de tais atores sociais na formação desta cidade.

É mister esclarecer que, mesmo no ambiente urbano, vários elementos continuam a manter a identidade coletiva indígena, sejam os laços de solidariedade, consciência ambiental, saberes ancestrais, cosmologia, disposição espacial das moradias, enfim, todos eles, indicam que sua identidade não se perde ao ocupar espaços urbanos e que o deslocamento, transitoriedade e circulação compõe a sua “dinâmica territorial” (MURA, 2006).

Na aldeia do Parque Amazonas, situada na periferia de Imperatriz-MA, habitam cerca de 46 pessoas entre indígenas e não indígenas, divididos em doze famílias, que passaram a ocupar aquela área desde 2001, mantendo-se através da agricultura de subsistência e da venda de artesanatos. A área de cerca de 48.048m² é cercada por árvores de grande porte como Mangueiras, e pequenas hortas de feijão, abóbora e milho, sendo uma área verde incrustada em uma região de expansão imobiliária da cidade. Esse artigo tem como pretensão não alcançar resultados conclusivos, mas preliminares a respeito do exercício etnográfico em tela.

Pretendo nesse artigo abordar os indígenas em contexto urbano segundo aspectos do corpo, da técnica e de teorias clássicas e contemporâneas da Sociologia e da Antropologia. Buscarei analisar o *repertório de possibilidades*, ou seja, o leque de materiais, saberes e habilidades colocados à disposição daquele coletivo e como as escolhas técnicas nesse processo sóciotécnico, como por exemplo o uso de sintéticos na confecção de colares, brincos e pulseiras e sua comercialização para suprir despesas

domésticas contemporâneas pode ser visto como técnica política de resistência no cenário pandêmico, para isso irei utilizar registros fotográficos realizadas durante as incursões a campo, a observação direta e entrevista semi estruturada com Henrique Filho Oliveira Guajajara (“Ari”), um dos caciques da aldeia.

1 ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA DA TÉCNICA E CORPO: breves considerações

Marcel Mauss (2003) teve grande contribuição para o campo antropológico e sociológico ao propor uma ideia que iria reverberar em inúmeros estudos posteriores. O autor francês conceitua as *técnicas do corpo*.

Como as maneiras como os homens, sociedade por sociedade, e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos [...] Toda técnica tem sua forma [...] Cada sociedade tem hábitos que lhe são próprios [...] um ato tradicional eficaz [...] e nisso o homem se distingue sobretudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas [...] O corpo é o primeiro e mais eficiente instrumento do homem (2003, p. 211-217).

Observa-se que na linha da proposta maussiana, a técnica não é aquilo que se passa entre o sujeito humano e o ambiente mediado por artefatos, mas é uma dada relação entre movimentos e coisas, que engloba corpos, ferramentas, locais etc. Técnica e corpo são aspectos indissociáveis, onde a principal lente de observação e análise passam a ser as técnicas corporais.

Tim Ingold (2015) por sua vez, tem seu enfoque na noção de *habilidade*, relacionando-a a história das práticas sociais, proporcionando alargar o leque de possibilidades para compreensão dos processos de produção e transformação do mundo. Essa *habilidade* técnica pode ser entendida como uma prática qualificada de relação com um “mundo de materiais” e que envolve aspectos tais como os de cuidado, destreza e julgamento. Essa noção de *habilidade* (*skill*) permite uma reflexão sobre o processo de reprodução de práticas entre as diversas gerações (INGOLD, 2015, p. 291).

O antropólogo britânico valoriza na prática habilidosa a fluidez da atividade, seu caráter rítmico e contínuo, graças a uma atenção que envolve todo o corpo. Pode-se dizer que para ele, mais importante do que a finalidade da ação em si, é a atividade que se desenvolve de forma contínua. Para Ingold (2015, p.5), “o que estamos acostumados a chamar de diferenças culturais são, na verdade, diferenças de habilidade”.

É nessa visão que o conceito de *técnica* na obra de Ingold (2015) torna-se valioso. Uma vez que ele afasta as explicações simplórias baseadas em causas físicas e naturais, de outro modo, não rejeita totalmente o impasse entre natureza e cultura. Procura,

distanciar-se de noções deterministas, lançando luzes ao ritmo da vida social e seus efeitos no *corpo*. Ele propõe uma compreensão da história da tecnicidade humana como processo de transformações das relações sociais (INGOLD, 2015, p.291). A técnica passa a ser percebida não como atributo de um ator isolado, mas como um sistema, uma teia de relações.

Nota-se uma aproximação teórica de Ingold (2015) com Maus (2003, p. 87-123), na medida que existe o entendimento que as práticas sociais, como por exemplo, o andar, falar, os ritos festivos, ou mesmo a construção de instrumentos, são *técnicas corporais*. Ou seja, todos esses processos de negociação do dia a dia, passam a ser vistos como uma experiência social. Ambos os pesquisadores têm seu enfoque no *corpo e técnica* como processos de desenvolvimento inerentes a cada geração de indivíduos, que recebem influências dos seus antepassados nas atividades da vida cotidiana.

Nesse viés, os processos nos quais surgem as práticas, ações e sensibilidades, acabam por alargar a compreensão da vida social como algo mais aberto do que a dicotomia homem e natureza do pensamento eurocêntrico, permitindo a análise das interações entre cultura e natureza, humanos e não humanos, artesãos e artefatos etc., conferindo a todos um especial significado (INGOLD, 2015 p. 369).

Ancorando-se dessa concepção da técnica como processo e forma especial, que envolve tanto a ação do indivíduo quanto a sua interação com os ambientes, as coisas, os instrumentos de forma singular é que Stautchuk (2007, p. 250) aponta: “uma arpoada nunca é idêntica à outra e o papel do proeiro é promover o encontro do arpão e do peixe em circunstâncias sempre únicas”.

A técnica de confecção de adornos indígenas pelos guajajaras não é, assim, algo imutável, estático, objetivável, pelo contrário, revela-se como algo novo, subjetivo, dotado de um ineditismo de acordo com as situações específicas das diversas interações situadas na vida cotidiana daqueles atores sociais.

2 O CONCEITO DE CADEIA OPERATÓRIA NAS ETNOGRAFIAS

Segundo Leroi-Gourhan (2002), o estudo das técnicas consiste na análise das ações humanas sobre a matéria, incluindo aí o próprio corpo humano. Uma das ferramentas elaboradas por essa tradição francesa é a noção de *cadeia operatória*, originalmente delineada para descrever as ações interligadas em um procedimento de transformação da matéria e que vem sendo debatida por diversos autores interessados em descrever e refletir sobre a técnica.

Avançando nessa discussão, Ludovic Coupaye (2017) apodera-se do conceito da *cadeia operatória* de Andre Leroi-Gourhan (2002), e o utiliza com outras ferramentas de pesquisas e abordagens, procurando encontrar novas interações e formas de pensar e de fazer. Para a produção do seu artigo, ele tem como recorte teórico, os “estudos sobre a cultura material nos domínios anglófonos que se desenvolveram na antropologia no decorrer dos últimos 35 anos” (COUPAYE, 2017, p.475).

Para Sautchuck (2017, p.14), Coupaye procura em seus estudos rediscutir aspectos metodológicos, propondo uma atualização do conceito gourhaniano de *cadeia operatória*, permitindo torná-la mais receptiva “às sensibilidades heterogêneas da etnografia. Com isto, ele afirma um tipo de concepção sobre a técnica, mais fluída e permeável [...] e que aponta para a conveniência de uma reflexão conceitual”.

Coupaye (2017) traz à baila o exemplo dos cultivadores e dos inhames em Nova Guiné para apresentar uma cadeia operatória com abordagem descritiva e não comparativa sem o domínio do “social”, destacando a complexidade dos atores humanos, das matérias etc. Em seguida, o autor passa a explicitar uma análise da técnica por um viés sistêmico. Com esse raciocínio de sistematização, de dividir para uma melhor análise científica, e incluir novos métodos analíticos, Coupaye (2017) acaba por deslocar o foco do objeto para o processo.

Em primeiro lugar, analisa o nível no qual os componentes da cadeia operatória entram em ação também em outras operações (um martelo pode ser utilizado para pregar um prego, mas igualmente para quebrar uma noz); em seguida, aquele no qual a mesma técnica intervém em operações diferentes (pregar um prego com um martelo para fazer uma mesa ... ou crucificar um suplicado); por fim, o nível no qual um sistema técnico é ligado aos sistemas econômico, religioso, político etc. Pregar um prego para construir uma igreja implica a existência de uma congregação, um financiamento, um terreno consagrado, talvez uma relíquia, e assim por diante (COUPAYE, 2017, p. 484).

Nesse sentido, as cadeias operatórias da técnica podem servir como um recurso metodológico, não para produzir representações esquemáticas da execução de forças mecânicas sobre a matéria, mas para dar ênfase em como um nexos de relações é constituído no fluxo em que um determinado material vai se transformando.

Esse cabedal teórico dialoga com a ideia de que o sistema de produção artesanal de adornos por indígenas em contexto urbano, que abrange a disponibilidade de elementos de matéria prima para confecção e as técnicas utilizadas, encontram-se em um fluxo contínuo. Isso significa tornar o sistema como algo que não é fechado ou pré-definido (MURA, 2006) em um contexto socioecológico-territorial específico.

Com essas ponderações, apresentarei um fragmento do relato da memória dos saberes ancestrais da descrição das etapas de produção de artefatos da cultura Tenetehara/Guajajara nas Terras Indígenas feito por uma das lideranças do aldeamento urbano do Parque Amazonas em Imperatriz-MA. Passo brevemente a apresentar a noção de cultura em uma perspectiva de fluxo segundo Barth (2011). Em seguida procuro através de registros fotográficos, demonstrar a produção, exposição e comercialização de alguns itens de artesanato por aqueles atores. No último ponto delinheiro as análises sobre os fluxos de produtos comercializados pelos indígenas antes e durante a Pandemia da Covid-19. Com essa movimentação, pretendo ressaltar as dimensões políticas, econômicas, culturais e cosmológicas do sistema sociotécnico em um cenário em que se tem as pressões contemporâneas derivadas do mercado usando como suporte teórico os conceitos de Mura (2006) sobre *repertório de possibilidades, contexto sócio-ecológico-territorial* e política como técnica.

3 ARTESANATO INDÍGENA: um repertório de técnicas políticas de resistência urbana

3.1 Arte indígena

O artesanato é uma das formas de expressão da cultura Tenetehara/Guajajara. A produção de colares, brincos, pulseiras, adornos de cabelo, badogue (estilingue), arco e flecha dentre outros artefatos pelos indígenas em contexto urbano que habitam no Parque Amazonas é uma demonstração não só de preservação de seus saberes ancestrais, de evidenciar sua criatividade e o dinamismo de sua identidade, mas torna-se uma fonte de renda para garantir o sustento familiar.

Ari Guajajara² ao lembrar os saberes ancestrais de quando morava na aldeia Cajá, município de Amarante-MA (distante cerca de 110km de Imperatriz), relata como é a cadeira operatória de produção de um arco. O primeiro passo é cortar a madeira na lua cheia, para não dar “broca” (larva de um pequeno besouro). Em seguida descascar e preparar o arco. A madeira ideal para fazê-lo é o Pau brasil, Pau roxo ou Pequiá, madeiras seculares nativas.

Através desse relato, evidencia-se a tradição de conhecimentos e de uma cosmologia peculiares, inclinadas a dar sentido às modalidades de acesso a materiais e saberes. Segundo o conceito de *contexto sócio-ecológico-territorial* de Mura (2011)

²Henrique Filho Oliveira Guajajara (“Ari”) é um dos caciques da aldeia urbana do Parque Amazonas. Foi meu *interlocutor chave* (Foote Whyte 2005) nesta pesquisa.

procura-se entender “como elementos humanos e não humanos, na posição de sujeitos ou de objetos, em um determinado lugar, relacionam-se e interagem entre si, formando sistemas sociotécnicos e mobilizando as forças do cosmos à disposição”.

No preparo da flecha, o procedimento é similar, alterando apenas o tipo de madeira mais propício, que seria a Taquara. A ponta da flecha é feita de osso da canela e chifre do Veado. Para finalizar, o cordão do arco geralmente é feito de ‘olho’ da palha do Tucum e Buriti. Depois de pronto, passa-se cera de Abelha no cordão.

Já a pulseira e o colar possuem um processo de fabricação onde se utilizam sementes e dentes de animais de tipos e tamanhos variados. Antigamente tinham que extrair do “olho” da palha do Tucum ou do Buriti para fazer a linha, atualmente usa-se a linha de anzol (linha fibra). Percebe-se essa transição do uso e significados de objetos que eram a rigor utilizados para caça, ou rituais próprios da cosmologia dos guajajaras, sendo ressignificados como objetos de estética ou decoração.

Mura ao realizar um trabalho etnográfico com o povo Guarani Kaiowa que habitam o Mato Grosso do Sul, observou que um dos fatores mais importantes das transformações técnicas entre aquele grupo foi como se representava de modos distintos a conformação dos objetos e seus níveis de manipulação e sujeição a determinadas relações de poder sociotécnico. A passagem de um ênfase na atividade de produção de objetos para a da aquisição (MURA, 2017.p 45)

Paulino Guajajara e Leonice Paulino Guajajara (2010)³ ao pesquisarem aspectos da cultura Tenetehara/Guajajara constataram a existência de música e história que fazem referência ao artesanato indígena, o nome da história é “A filha do cururu”:

A filha do cururu ficou moça, mas não tinha pulseira e colar pra enfeitá-la, a moça começou a chorar. O cururu foi pra mata caçar dentes de animais e sementes. Chegando lá, matou uma cotia, veado e onça. A cada caça que matava ele cantava uma música, por isso foi difícil pra o cururu flechar a onça (GUAJAJARA 2010, p.20).

A música na língua Tentehar de acordo com os autores do Povo Guajajara (2010, p.20) seria assim:

*Akuxi háigurer o, o, ok zepuyr uzeà xiamm e,e,e.
Arapuhahu háigurer e, e, e, (bis)
Zepuyr uzeáximam e,e,e,e,e,e,e,e*

³ Foi-me apresentado por um dos caciques da aldeia, que já exerceu a profissão de professor, um exemplar (faltavam algumas páginas e estava em estado de conservação razoável) de livro didático confeccionado pelo Secretaria de Estado da Educação do Estado do Maranhão em 2010 de autoria dos indígenas supracitados, que narram a Festa do moqueado e comentam outros temas da cultura Guajajara.

Interessante do ponto de vista antropológico notar a existência da tradição oral de contar histórias e entoar cânticos com referência à cadeia operatória da produção do artesanato. Em seus estudos Coupaye (2017, p.9) observou que “se eu canto para fazer crescer um caule de inhame, é porque em um certo sentido eu considero que este é um ato eficaz, pois o caule de inhame pertence a uma categoria de seres que pode reagir ao canto”.

3.2 Fluxo cultural e dinâmica territorial

Os indígenas urbanos reproduzem alguns aspectos da organização social que existe nas Terras Indígenas, como a liderança de caciques, a disposição das moradias, a organização em famílias extensas, e a produção de adornos. A forma que um grupo social se reorganiza em determinado ambiente, leva em conta diversos fatores culturais, que provocam em seus membros a noção de pertencimento, de identificação com aquela comunidade. Esses elementos peculiares de cada grupo estão baseados em experiências e memórias adquiridas no decorrer de suas vidas, as quais são reproduzidas e recriadas no novo lugar de moradia (BARTH, 2011).

A formação de suas relações sociais, são permeadas de acordo com as características econômicas, religiosas, políticas. Porém essa forma de organização não se constitui como sendo imutável, mas como algo que está sujeito a mudanças e adaptações no interior do contexto *socioecológico-territorial* em que está se desenvolve (MURA, 2006).

Os indígenas urbanizados passam a adequar seu novo lugar de moradia de acordo com seu modo de vida, e de acordo com as condições que o lugar permite, reproduzindo suas atividades culturais e o movimento de trânsito entre a cidade e a Terra Indígena originária para visitar parentes. Essa mobilidade entre diversas localidades se configura de acordo com mura (2006) como uma *dinâmica territorial*, ou seja, um “[...] movimento continuado no tempo, resultante de uma pluralidade de processos que ocorrem em um determinado espaço geográfico e que levam os integrantes de grupos sócias e étnicos a configurar e/ou ajustar territórios de um determinado modo (MURA, 2006, p.103).

É importante destacar que as intensas relações interétnicas com os atores do entorno, acarretam algumas mudanças na cadeia de produção do artesanato como um todo. É percebido nos objetos utilizados na produção de acordo com a disponibilidade de aquisição, bem como na dimensão estética, inserindo algumas transformações que

explicitam a necessidade mercadológica de adequação e aceitação do produto por parte dos *karaiw* (não indígenas).

Para Mura (2011, p.103), os membros de cada família indígena dão vida “a uma ecologia doméstica que implica num conhecimento detalhado e adequado para interagir com o meio ambiente (que hoje inclui os núcleos urbanos)”. E continua:

Assim, a avaliação técnica feita, por exemplo, por um pescador sobre como construir ou reparar uma rede não será definida a partir do fato de se a linha utilizada é de origem vegetal ou industrial, mas sobre suas propriedades físicas e a disponibilidade para ser adquirida através de coleta, escambo e/ou transação comercial. E isto é válido para qualquer objeto, incluindo os eletrônicos em geral, celulares, meios de locomoção, ferramentas, etc (MURA, 2011, p.103).

A substituição de penas de aves exóticas pelas de galinha na confecção de adornos para o cabelo, a troca de sementes de Tiririca (planta pequena) por material sintético (miçangas) na fabricação de pulseiras e o uso de fio de nylon ao invés da fibra vegetal retirada da folha de um palmeira são exemplos de como o contexto de *fronteira interétnica* em que os indígenas urbanos estão inseridos, implicam nesse fluxo contínuo da cultura (BARTH, 2011). Essa relação entre cenário e disponibilidade/acessibilidade aos elementos do universo é o que Mura (2006) define como *repertório de possibilidades*.

Ao analisar o conceito de cultura por meio das experiências vivenciadas pelos indivíduos, Barth (2011) a entende como um fluxo semelhante a uma correnteza que distribui no espaço e no tempo, os elementos culturais (materiais e imateriais) compartilhados pelos indivíduos durante a interação, uma vez que não são um povo isolado. A organização social desses elementos compartilhados pelo *fluxo cultural* por parte do grupo étnico, criam diferenças e estabelecem fronteiras em relações aos outros grupos, permitindo assim que a cultura seja atualizada no tempo e no espaço.

Percebe-se, portanto, a rica contribuição que o artesanato possui para o fortalecimento e a afirmação da identidade cultural indígena. Para Bernal (2009, p. 238 apud Marinho 2014 p.71) o artesanato preenche uma função de articulação entre o “antigo e o novo, entre o recebido e o criado, entre o interior e a cidade e se converte, então, em elemento central da identidade indígena urbana capaz de representar os índios na cidade, tanto perante os habitantes urbanos quanto em face dos parentes da terra indígena”.

3.3 Impacto da pandemia

Ari Guajajara em novembro de 2018, através de um professor da Universidade Federal do Maranhão, negociou um espaço na feira de artesanatos da Beira Rio de Imperatriz aos sábados. Isso proporcionou uma maior visibilidade e retorno financeiro

nas vendas de seus artefatos. Segundo seus relatos, em dias de maior movimento chegava a faturar R\$ 300,00 (trezentos reais). Ele também montava sua barraca na rua Simplício Moreira, em frente ao prédio da FUNAI no centro da cidade. A esposa, Jaidê Leão Guajajara, participava de feira de artesanatos da Praça da Cultura, área que concentra um grande fluxo de pessoas. As fotografias a seguir, retratam esse período e as formas de adequação à realidade urbana.

Imagem I: Ari com barraca de artesanato em frente a FUNAI.



Fonte: Pereira, fevereiro 2019.

Imagem II: Jaidê na feirinha do artesanato na Praça da Cultura.



Fonte: Pereira, março de 2019.

Imagem III: Artesanato indígena exposto na feirinha da Praça da Cultura.



Fonte: Pereira, março de 2019.

Ao realizar uma pesquisa etnográfica com o Povo Kaiowa, no Mato Grosso do Sul, Fábio Mura (2017) percebeu que aquele grupo passou a desenvolver técnicas de negociações, destacando de forma particular a técnica política, entendida como: “técnica de uso por excelência na definição de estratégias de ação e na definição de tomadas de decisões para empreender e refinar cadeias operatórias.” (MURA, 2017, p.60). Entendo que a produção e comercialização de artesanatos como fonte de renda pelos indígenas urbanos do Parque Amazonas permite esse enquadramento teórico.

Com a venda desses produtos, além de garantir a subsistência a partir de itens básicos da alimentação, também foi possível a manutenção de uma motocicleta conduzida por Ari Guajajara, a recarga de créditos nos aparelhos de celular e aquisição de outros bens que hoje são considerados necessários para desenvolver o “bem viver”. A circulação e negociação passam a ser vistas como uma forma de poder.

É nesse sentido que Mura (2017, p.63) considera a técnica política como um “ato transformador e concatenador de transformações.” É através dela que as atividades da rotina doméstica, anteriormente ligadas a grupos técnicos baseados na produção de objetos, foram de maneira progressiva destinadas à potenciação e ao refinamento das técnicas e das estratégias que permitem dar respostas a exigências domésticas contemporâneas.

Ari Guajajara recebe periodicamente da Terra Indígena Arariboia⁴, alguns materiais e insumos para produção de utensílios, como madeira de bambu e pau brasil para fabricação de arco e flecha. Cuidadosamente, ele vai manuseando o bambu até ficar com a curvatura adequada de um arco. Nesse processo, ele utiliza não somente as mãos, mas utiliza a perna e joelho para fazer uma espécie de “alavanca”, e faz pressão utilizando corpo inteiro nesse atividade. Para MAUSS (2003, p.407), o corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem, “o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é o seu corpo”.

Imagem IV: Técnica de confecção do arco



Fonte: Santos, março 2022

Contudo, com a adoção das medidas de distanciamento social e prevenção da contaminação do novo Coronavírus, as atividades de exposição dos produtos de artesanatos em banquinhas localizadas nestes espaços urbanos foram suspensas. A alternativa nesse contexto de pandemia, foi expor, ainda que timidamente, os artefatos dentro da própria moradia, e oferecer aos visitantes que ocasionalmente visitam aquela área localizada na periferia da cidade.

Imagem V: Artesanatos expostos em moradia da aldeia urbana

⁴ Situada no sudoeste do Maranhão, em uma área de cerca de 413mil hectares na transição do Cerrado para Floresta Amazônica.



Fonte: Santos, janeiro de 2022.

Percebe-se que a partir da experiência pessoal, cada indivíduo possuirá um repertório de possibilidades peculiar, que muda de instante em instante, conforme a ação. Sobre essa diferenças de repertórios, Mura (2017, p.62) observa que “dependendo da posição social, da idade e do sexo, bem como das trajetórias individuais, também teremos diferenças entre os próprios indígenas”. Para ilustrar trago um exemplo a seguir, dentro do próprio aldeamento urbano.

O jovem Zacarias Oliveira Guajajara, confecciona semanalmente dezenas de *badogue* (baladeira/estilingue) para comercializar nas ruas da cidade. Ele relata que vende cada peça por R\$ 5,00 (cinco reais). Geralmente crianças e adolescentes são os consumidores do produto. Ele conta que não tem um ponto fixo de vendas, sai caminhando do aldeamento urbano em direção à Avenida Pedro Neiva de Santana, uma via de grande fluxo de trânsito, e se dirige até o Mercadinho, bairro que concentra uma tradicional feira de hortifrúteis e produtos populares. Quando vende todos os artefatos, retorna para casa usando o serviço de de moto-táxi.

Imagem VI: Produção de *badogue* para comercialização.



Fonte: Santos, janeiro de 2022.

Nesse processo de produção do *badogue*, ele corta galhos de árvores (geralmente Mangueiras) existentes na área do aldeamento urbano, moldando com um facão e em seguida com estilete para que a madeira tenha a forma de uma forquilha e em seguida, utilizando-se de uma tesoura, corta uma faixa elástica de borracha que compra em comércios do centro no comprimento e largura capazes de produzir um arremesso preciso. Nessa cadeia operatória, ele fica calmamente sentado à sombra de uma frondosa Mangueira, conversando com seus pais, interagindo com os transeuntes que passam na rua lateral da aldeia, não aparentando nenhuma pressa para finalizar a tarefa. Essa área verde em plena zona de expansão urbana da cidade, cercada de construções, via de trânsito rápido, condomínios residenciais, possibilita a seleção e a coleta desses materiais.

Imagem VII: Em destaque a aldeia urbana do Parque Amazonas em Imperatriz-MA



Fonte: Google Earth

Sobre a discussão se essa postura faz parte ou não do processo, Coupaye (2017, p.9), entende que “se eu parar de trabalhar para mastigar noz de areca, conversando com meus amigos à sombra de um galpão, é porque considero que isto é parte integral do processo (ou, em certos casos não atrapalha)”. Ao final, de maneira quase lúdica, Zacarias Guajajara realiza um “teste”, atirando pequenas pedras em um muro nas imediações de sua casa. Não estimula metas de produção semanal ou faturamento mensal com a comercialização do produto.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Tomando como ponto de partida a clássica definição de técnica de Mauss (2003) como um “ato tradicional eficaz”, procurei descrever e analisar o papel das atividades de produção artesanal de adornos e objetos desenvolvidas pelos indígenas em contexto urbano do Parque Amazonas de Imperatriz-MA como constitutivas da formação e da transformação de conhecimentos. O trânsito entre a técnica de produção na periferia e sua circulação e negociação pelo centro da cidade.

Busquei abordar os processos técnicos, descrevendo os relatos dos saberes ancestrais, fotografando e analisando gestos, comportamentos operatórios, escolhas técnicas e sistemas de atividades que definem um saber-fazer em permanente renovação. Destacando o contexto sócio-ecológico-territorial, as fronteiras dos relacionamentos interétnicos, bem como as relações de poder específicas daquele aldeamento urbano.

Frisa-se que o próprio comportamento operatório político pode ser considerado como um exemplo de técnica, que tensiona e transforma as relações de força existentes

no campo e como as restrições de circulação de pessoas durante a Pandemia da Covid-19 impactou essas operações. Nesse sentido, destaca-se ainda o papel das técnicas na reafirmação de identidades, e transmissão das tradições de conhecimentos, o que pode ser notado no processo de produção do artesanato pelos indígenas Guajajara em contexto urbano no Parque Amazonas em Imperatriz-MA.

REFERÊNCIAS

COUPAYE, Ludovic. Cadeia operatória, transectos e teorias: algumas reflexões e sugestões sobre o percurso de um método clássico. IN: **Técnica e Transformação: perspectivas antropológicas / organização de Carlos Emanuel Sautchuk**. Rio de Janeiro: ABA Publicações, 2017. 500p.

LEROI-GOURHAN, A. **O Gesto e a Palavra 2-Memórias e Ritmos**. Lisboa: Edições 70, 2002

IBGE. Os indígenas no Censo Demográfico 2010. Brasília, 2010. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 21 de fevereiro de 2022

MARANHÃO. Secretaria de Estado de Educação. **Festa do moqueado**. São Luís: Gráfica Mota, 2010. 20 p.: (Série livros didáticos indígenas e indigenistas; v.2)

MARINHO, Maria Perpétuo Socorro Oliveira. **Índios Guajajara: da aldeia para a cidade**. 2014. 114f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Pontifícia Universidade Católica do Goiás, GOIÂNIA, 2014.

MAUSS, Marcel. As Técnicas do corpo. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 399-422.

MURA, Fábio. **À procura do “bom viver”** Território, tradição de conhecimento e ecologia doméstica entre os Kaiowa. Tese. Rio de Janeiro, 2006

_____. & Silva, A. B da. (2011). Organização doméstica, tradição de conhecimentos e jogos identitários: Raízes: **Revista De Ciências Sociais e Econômicas**, 31 (1), 96-116.

_____. A política como técnica de uso e como ato transformador: algumas reflexões a partir do caso dos Kaiowa de Mato Grosso do Sul. IN: **Técnica e Transformação: perspectivas antropológicas / organização de Carlos Emanuel Sautchuk**. Rio de Janeiro: ABA Publicações, 2017. 500p.

PEREIRA, Jesus Marmanillo. Descolonizar o urbano para ver o “outro”: Ideologias, imagens e a invisibilidade indígena nas cidades médias. *Revista Iluminuras*, v. 19, p. 233-265, 2018.

POUTIGNAT, Philippe STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2011.

SAUTCHUK, C (org.) 2017. **Técnica e transformação: perspectivas antropológicas**. Rio de Janeiro; ABA Publicações

_____ **O Arpão e o Anzol**: técnica e pessoa no estuário do Amazonas 9 Vila Sucuriju, Amapá). Tese (Doutorado)-DAN/ Universidade de Brasília, 2007.